

**DESAFIOS DA PRODUÇÃO DE SOJA ORGÂNICA COMO DETERMINANTE À
IMPLANTAÇÃO DE SEU CULTIVO PARA FINS COMERCIAIS NA
REGIÃO OESTE DO PARANÁ**

<http://dx.doi.org/10.19177/rgsa.v7e12018682-699>

Marcelo Nobuo Inagaki¹
Clarissa Pereira Junqueira²
Patricia Paula Bellon³

RESUMO

A agricultura brasileira, ao adotar modernas tecnologias de produção em busca do aumento de produtividade, vem trazendo impactos negativos ao meio ambiente, à sociedade e ao próprio produtor rural. Diante desse contexto, o objetivo deste trabalho foi reunir informações a respeito da produção de soja orgânica na região Oeste do Paraná, identificando os desafios a serem superados pelo setor e se esses podem se tornar barreiras que impeçam, principalmente, aos pequenos produtores de soja, o investimento nesse cultivo como forma de agregar valor à produção e garantir assim melhores resultados financeiros, ambientais e sociais em sua propriedade rural. Quanto à classificação do presente estudo, o mesmo foi de ordem prática, abordado de forma qualitativa, com objetivo exploratório e por meio do procedimento técnico estudo de caso. O instrumento de coleta de dados utilizado foi a entrevista. Os resultados indicam a inviabilidade de produção da soja orgânica na região Oeste do Paraná, determinada principalmente por três fatores: a falta de pesquisas voltadas para atividade, as dificuldades no manejo da produção e a baixa demanda da população brasileira por produtos orgânicos.

PALAVRAS-CHAVE: Soja orgânica. Oeste do Paraná. Propriedade rural.

¹ marcelo_n_inagaki@outlook.com

² clarissajunq@gmail.com

³ phatriciabellon@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

O constante crescimento da população tornou necessário o aumento do volume de produção de alimentos que sustente a demanda mundial. Diante disso, o setor do agronegócio ganha cada vez mais destaque e representa uma importante atividade da economia.

Visando suprir essa demanda por alimentos, cresce constantemente o número de estudos e novas tecnologias que visam aumentar a produtividade das atividades agropecuárias. Contudo, essa busca descontrolada por maior produtividade, acabou resultando na deterioração do elemento essencial no ciclo de desenvolvimento rural, o meio ambiente.

Neste cenário, uma nova questão é posta em discussão e requer a reflexão dos produtores: cultivar a soja através dos princípios da agricultura orgânica como alternativa às formas tradicionais de seu cultivo. Isso significaria mudar radicalmente o manejo da produção e investir em uma nova tendência de mercado, com base em práticas que andam na contramão da tecnologia em voga que busca aumentar a produtividade no campo fazendo uso de produtos agroquímicos.

O potencial de consumo da soja orgânica cresce juntamente com a tendência da sociedade de buscar hábitos de vida mais saudáveis, sendo a alimentação um de seus principais pilares. Além disso, seu cultivo nos preceitos orgânicos pode ser visto como um fator de agregação de valor ao produto, possibilitando assim o aumento da renda das propriedades rurais.

Contudo, cabe destacar que antes de investir em uma prática agrícola diferente, o produtor rural deve ter conhecimento das inter-relações e dos desafios que surgem no decorrer das atividades dos diferentes agentes da cadeia produtiva dos produtos orgânicos. Somente através dessa avaliação se pode estabelecer critérios que permitam analisar e determinar os novos rumos a serem seguidos pela propriedade rural.

Nesse sentido, o presente trabalho visa reunir informações a respeito da produção de soja orgânica na região Oeste do Paraná, identificando os desafios a

serem superados pelo setor e se esses podem se tornar barreiras que impeçam principalmente os pequenos produtores de soja, investir nesse cultivo como forma de agregar valor à produção e garantir assim melhores resultados econômicos, sociais e ambientais para sua propriedade rural.

2 O AGRONEGÓCIO E O COMPLEXO DA SOJA

O agronegócio, segundo Paiva Jr (2011), compreende um conjunto de operações relacionadas à produção, comercialização e distribuição de matérias-primas, insumos, produtos e serviços agropecuários. Além de atividades econômicas que oferecem suporte à realização de suas atividades principais.

Araújo (2010) evidencia a necessidade de compreendê-lo através de todos seus componentes e inter-relações como ferramenta indispensável para tomada de decisão, sendo fundamental considerá-lo dentro de uma visão sistêmica composta por três setores denominados “antes da porteira”, “dentro da porteira” e “depois da porteira”:

- a) “antes da porteira”: composto por fornecedores de insumos e serviços: máquinas, implementos, defensivos, fertilizantes, corretivos, sementes, tecnologia e financiamento.
- b) “dentro da porteira”: conjunto de atividades desenvolvidas dentro das unidades produtivas como preparo e manejo de solos, tratos culturais, irrigação, colheita, criações e outros.
- c) “depois da porteira”: refere-se às atividades de armazenamento, beneficiamento, industrialização, embalagens e consumo de produtos.

Paula e Faveret Filho (1998) citam que a soja foi a grande responsável pela introdução do conceito de agronegócio em território brasileiro:

A expansão da cultura da soja foi a principal responsável pela introdução do conceito de agronegócio no país, não só pelo volume físico e financeiro envolvido, mas também pela necessidade da visão empresarial de administração da atividade por parte dos produtores, fornecedores de insumos, processadores da matéria-prima e negociantes, de forma a manter e ampliar as vantagens competitivas da produção (PAULA; FAVERET FILHO, 1998, p. 01).

A soja destaca Missão (2006), tem papel fundamental nos resultados positivos alcançados pelo agronegócio nacional recentemente. As lavouras da R. gest. sust. ambient., Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 682-699, jan./mar. 2018.

cultura contam a cada dia com novas variedades, desbravam novas fronteiras agrícolas, levam progresso para pequenos municípios, tornando-se motor de desenvolvimento econômico para várias regiões e tendo também responsabilidade na expansão da receita cambial brasileira.

O complexo soja, formado por empresas comerciais, propriedades agrícolas, indústrias e empresas prestadoras de serviços, tem contribuído significativamente na geração de empregos, aumento dos recursos financeiros da União, através da arrecadação de tributos, além de movimentar o sistema de transporte rodoviário, ferroviário e portuário. A eficiência desses sistemas não está condizente com o desenvolvimento das safras agrícolas, contribuindo para o aumento dos custos dos produtos, porém, a cadeia agroindustrial da soja brasileira sempre foi considerada um exemplo de sucesso de inserção no mercado mundial (PAIVA; ALVES; HELENA, 2006, p.13-14).

Nesse contexto, destaca o DESER (2008), o principal obstáculo para o pequeno sojicultor, componente essencial do agronegócio da soja, são os elevados custos de produção, reflexo dos altos investimentos em equipamentos e da dependência quanto à aquisição de insumos que não são encontrados dentro da propriedade e necessitam de consideráveis recursos monetários para serem adquiridos.

Isso ocorre, pelo fato de predominar no Brasil, o sistema de produção de soja baseado na intensiva utilização de insumos, desde sementes, adubos, herbicidas, fungicidas e inseticidas, como também do emprego de uma grande quantidade de máquinas e implementos agrícolas, durante os períodos de plantio, tratamentos culturais e colheita (DESER, 2008).

As práticas agrícolas adotadas pelos sojicultores, salienta Schmitt (2009), são reflexos das mudanças na agricultura, influenciadas por diversos interesses que provocam mudanças ambientais e sociais numa região, cuja finalidade é atender as necessidades econômicas exclusivamente capitalistas.

Contudo, tais mudanças, ressalta Paiva Jr (2011), podem provocar graves consequências ao planeta e na forma como vivemos na sociedade. Isso exige do empreendedor no agronegócio uma atitude socialmente comprometida e ambientalmente sustentável.

Na busca por melhores resultados, os sojicultores acabam provocando impactos sociais e ambientais negativos. Nesse cenário, adotar uma postura

R. gest. sust. ambient., Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 682-699, jan./mar. 2018.

empreendedora que explore novos nichos de mercado, resultado de mudanças no comportamento da sociedade, será um diferencial.

3 A SOJICULTURA ORGÂNICA

Um dos grandes problemas enfrentado pelos pequenos agricultores, segundo o DESER (2008), é o fato de serem considerados apenas fornecedores de matérias-primas para as indústrias, que influenciam enormemente na formação dos preços pagos ao produtor. Esse cenário estimula que os agricultores busquem alternativas à produção de soja *commodity*.

Como alternativa, surge a soja orgânica que por não seguir as normas de comercialização da Bolsa de Chicago, não é considerada uma *commodity*, e por se tratar de um produto com valor agregado e boa demanda junto ao mercado, tem preços superiores em comparação com a soja convencional, o que pode gerar bons resultados ao produtor, independente dos desafios de sua implantação e manejo (DESER, 2008).

A agricultura orgânica, destacam Ormond et al. (2002), é um processo que procura nas origens da agricultura, uma tecnologia de produção agropecuária sustentável, que atenda às exigências da sociedade no futuro e que traga alternativas para viabilizar a pequena propriedade rural do presente.

O governo brasileiro, por meio da Lei nº 10.831, de 23 de dezembro de 2003, define agricultura orgânica como aquela que atende os seguintes aspectos:

Art. 1º Considera-se sistema orgânico de produção agropecuária todo aquele em que se adotam técnicas específicas, mediante a otimização do uso dos recursos naturais e socioeconômicos disponíveis e o respeito à integridade cultural das comunidades rurais, tendo por objetivo a sustentabilidade econômica e ecológica, a maximização dos benefícios sociais, a minimização da dependência de energia não-renovável, empregando, sempre que possível, métodos culturais, biológicos e mecânicos, em contraposição ao uso de materiais sintéticos, a eliminação do uso de organismos geneticamente modificados e radiações ionizantes, em qualquer fase do processo de produção, processamento, armazenamento, distribuição e comercialização, e a proteção do meio ambiente.

§ 1º A finalidade de um sistema de produção orgânico é:

I – a oferta de produtos saudáveis isentos de contaminantes intencionais;

II – a preservação da diversidade biológica dos ecossistemas naturais e a recomposição ou incremento da diversidade biológica dos ecossistemas modificados em que se insere o sistema de produção;

III – incrementar a atividade biológica do solo;

IV – promover um uso saudável do solo, da água e do ar, e reduzir ao mínimo todas as formas de contaminação desses elementos que possam resultar das práticas agrícolas;

V – manter ou incrementar a fertilidade do solo a longo prazo;

VI – a reciclagem de resíduos de origem orgânica, reduzindo ao mínimo o emprego de recursos não-renováveis;

VII – basear-se em recursos renováveis e em sistemas agrícolas organizados localmente;

VIII – incentivar a integração entre os diferentes segmentos da cadeia produtiva e de consumo de produtos orgânicos e a regionalização da produção e comércio desses produtos;

IX – manipular os produtos agrícolas com base no uso de métodos de elaboração cuidadosos, com o propósito de manter a integridade orgânica e as qualidades vitais do produto em todas as etapas (BRASIL, 2003).

“O objetivo é desenvolver uma atividade economicamente viável, ambientalmente correta e socialmente justa” (DESER, 2008, p. 10).

Segundo o DESER (2008), o aspecto econômico é importante ao garantir renda ao produtor por meio da diversificação e agregação de valor. O fator ambiental enfatiza a deterioração do meio ambiente, muitas vezes ignorado em favor do aspecto econômico. O aspecto social envolve a inclusão social, já que é um sistema pouco mecanizado que demanda mão-de-obra. O equilíbrio desses fatores visa garantir a sustentabilidade da agricultura.

A soja orgânica, segundo a EMBRAPA (2015), é um bom investimento para pequenos produtores rurais, pois seu manejo é livre de produtos químicos como herbicidas, fungicidas e inseticidas, permitindo que, em geral, seu custo de produção seja menor que o da soja convencional.

Na produção da soja orgânica, Darolt e Skora Neto (2002), destacam que em termos de preparo do solo o sistema recomenda implementos que cortem eficientemente a palha e removam o mínimo o solo. Na adubação, busca não só nutrir a planta como melhorar a alimentação do solo e do sistema, por meio de matérias orgânicas e fertilizantes minerais naturais.

O manejo de pragas e doenças, concentra-se no aumento da resistência das plantas, controle biológico, proteção física, repelentes e tratamentos com base em produtos naturais. No manejo de plantas infestantes, busca-se evitar a

ressemeadura de invasoras garantindo a manutenção da boa qualidade da palha e substituindo todo método químico por práticas manuais combinadas com mecânicas (DAROLT; SKORA NETO, 2002).

No entanto, a EMBRAPA (2015) salienta que para ser considerado orgânico, o produto deve possuir o selo de garantia emitido por uma certificadora, que permite identificar o local de produção, os produtores envolvidos e se foram seguidas as diretrizes da certificação orgânica.

A certificação avalia fatores econômicos, ambientais e sociais, de acordo com parâmetros regionalizados. Um produto com certificação é garantia de qualidade para o consumidor e de remuneração diferenciada para o produtor rural (EMBRAPA, 2015).

A mudança do manejo convencional para o orgânico, cita Darolt e Skora Neto (2002), é chamada de conversão. Para ser considerado produto orgânico, os princípios estabelecidos pelas instituições certificadoras devem ser aplicados durante um período, de acordo com as atividades anteriores da propriedade e a situação ecológica atual.

O sojicultor, seja dono de grande ou pequena área de terra, que deseja investir na produção de soja orgânica, destaca a EMBRAPA (2015), deve buscar orientação junto a uma assistência técnica especializada ou à própria entidade certificadora para conhecer detalhadamente esse sistema de produção e poder explorar todos seus benefícios.

A soja orgânica, além de reter todas as propriedades da soja comum, acumula ainda o benefício claro dos alimentos orgânicos. É sadia, é livre de agrotóxicos, não contamina o meio ambiente e estimula a inclusão social, incentivando a produção familiar e viabilizando uma receita mais justa ao pequeno produtor (DESER, 2008, p. 05).

Paiva, Alves e Helena (2006) afirmam que as propriedades familiares são as grandes responsáveis pela sojicultura orgânica, por apresentarem aspectos favoráveis à prática da agricultura orgânica. Essas propriedades têm menor utilização de agroquímicos e tecnologias de alto impacto ambiental, degradam menos o ambiente em comparação às grandes propriedades, utilizam a mão-de-obra familiar, essencial no manejo orgânico e necessário para envolvimento dos agricultores na compreensão e condução desse processo produtivo.

No entanto, o DESER (2008), enfatiza que é necessária uma política que apoie o setor, pois não adianta apenas a boa vontade dos consumidores e produtores, enquanto as grandes empresas que dominam o mercado brasileiro conseguem ofertar o produto tradicional a um preço muito mais atraente do que os produtos orgânicos.

A produção da soja orgânica pode apresenta-se como uma maneira do pequeno produtor agregar valor à produção e para viabilizar seu empreendimento rural. No entanto, é preciso avaliar se a região onde está inserido dispõe de uma infraestrutura que dê suporte à produção, bem como se o sojicultor tem condições de investir nesse novo manejo.

4 METODOLOGIA

Quanto à classificação do presente estudo, o mesmo foi de ordem prática, abordado de forma qualitativa, com objetivo exploratório e por meio do procedimento técnico estudo de caso. O instrumento de coleta de dados utilizado foi a entrevista, realizada com o apoio de um roteiro de perguntas abertas pré-estabelecidas.

Os dados necessários foram coletados junto a dois técnicos agropecuários de Matelândia, um produtor rural e duas comerciantes de Medianeira e um produtor rural de São Miguel do Iguaçu.

Na descrição e análise dos resultados, se buscou a obtenção de informações a respeito das diferenças entre o cultivo da soja orgânica e da soja transgênica, os desafios da produção orgânica na região Oeste do Paraná, bem como seus benefícios em âmbito econômico, ambiental e social. Ao final, as informações obtidas foram utilizadas para determinar a viabilidade ou não da implantação da sojicultura orgânica.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados coletados permitiram reunir informações que, ao serem analisados em conjunto, tornam-se uma ferramenta que auxilia a tomada de decisão do gestor

rural, quando na avaliação da viabilidade ou não de produzir soja no manejo orgânico na região Oeste do Paraná.

Inicialmente, percebe-se que, enquanto no cultivo convencional da soja o produtor rural pratica a monocultura, utiliza fertilização química, planta sementes transgênicas e aplica defensivos químicos que visam a alta produtividade; no cultivo orgânico da soja o manejo adequado é aquele que mais se aproxima de práticas e insumos naturais.

Na sojicultura orgânica deve-se isolar a área de produção, preparar o solo com adubos orgânicos, controlar plantas invasoras, pragas e doenças com substâncias e técnicas naturais e alternativas. Essa atividade é, portanto, mais direcionada às pequenas propriedades rurais onde é mais fácil se alcançar um ambiente natural equilibrado e propício ao manejo orgânico.

No entanto, os desafios que envolvem a produção de soja orgânica na região Oeste do Paraná, exigem que os agricultores interessados em aderir ao seu cultivo avaliem de forma cuidadosa o contexto regional, principalmente no que se refere à organização da cadeia produtiva.

Como nos demais sistemas de produção é necessário que o produtor tenha uma visão sistêmica do negócio avaliando todos os agentes envolvidos e não apenas os aspectos restritos à propriedade rural, ou seja, “dentro da porteira”. Essa avaliação consiste em analisar a disponibilidade de insumos, as dificuldades da produção e produtividade, a existência de canais de distribuição e comercialização, bem como a disposição de consumo no varejo.

Na descrição dos dados levantados pela pesquisa, percebeu-se que a sojicultura orgânica apresenta uma série de desafios que prejudicam sua perpetuação no contexto do agronegócio regional e se tornam barreiras impeditivas à implantação de seu cultivo para fins comerciais, mesmo sendo realizada em pequenas propriedades rurais familiares.

As principais dificuldades identificadas pelos técnicos agropecuários, produtores rurais e comerciantes entrevistados serão sumarizadas a seguir, com a divisão da cadeia da produção em três grandes setores: “antes da porteira”, “dentro da porteira” e “depois da porteira”.

Dentre os problemas apontados “antes da porteira”, referentes à obtenção de insumos e prestação de serviço nas propriedades rurais produtoras de soja orgânica, destacam-se:

- a) indiferença e falta de comprometimento político nas questões referentes ao incentivo à produção, comercialização e financiamento;
- b) número insuficiente de pesquisas e desenvolvimento de insumos e técnicas agroecológicas;
- c) pressão de grandes multinacionais detentoras de *royalties* das pesquisas de soja transgênica sobre o governo brasileiro;
- d) ausência de cooperativas ou associações que forneçam assistência técnica especializada;
- e) indisponibilidade imediata de insumos certificados ou aprovados para uso na agricultura orgânica;
- f) predominância de sementes de soja geneticamente modificadas, impróprias para o cultivo orgânico;
- g) escassez e encarecimento da mão-de-obra necessária para a realização dos tratos culturais.

As barreiras identificadas “antes da porteira” poderiam ser superadas caso houvesse um comprometimento político que estimulasse a pesquisa e o desenvolvimento de insumos e implementos agrícolas. Isso facilitaria a obtenção de alguns produtos de difícil acesso e auxiliaria no manejo da produção, que tende a ser realizado pelo agricultor e sua família, dada a escassez de mão-de-obra.

Referente à produção propriamente dita, os desafios identificados “dentro da porteira”, envolvem os seguintes aspectos:

- a) proximidade entre as propriedades rurais convencionais e as orgânicas, podendo ocasionar a contaminação do produto orgânico;
- b) predominância de sistemas de produção de um único produto agrícola em cada safra;
- c) contaminação do solo pelo uso sucessivo de agroquímicos no manejo convencional da lavoura;
- d) incidência elevada e dificuldade de controle de plantas invasoras, pragas e doenças nas propriedades da região;

- e) baixa eficiência dos insumos orgânicos no controle de pragas e tratamento de doenças em comparação com os agrotóxicos;
- f) necessidade de readequação estrutural da propriedade rural ao sistema orgânico de produção;
- g) necessidade de construção de barreiras naturais para contenção da contaminação e isolamento da área de produção orgânica;
- h) redução da área plantada nas propriedades orgânicas em decorrência do espaço necessário ao estabelecimento das barreiras verdes;
- i) falta de capacitação do produtor rural e de seus colaboradores em práticas agroecológicas;
- j) processo de certificação das etapas produtivas muito complexo, demorado e caro;
- k) incapacidade financeira do produtor rural de atravessar o período de conversão;
- l) possibilidade de contaminação da produção de soja orgânica por grãos transgênicos;
- m) produtividade inferior do sistema orgânico em relação ao modelo convencional de produção.

Esses problemas decorrem, em parte, da falta de suporte adequado aos produtores, prejudicando o andamento de toda cadeia produtiva. Esta desorganização da cadeia produtiva gera como consequência a diminuição da oferta e a elevação dos custos de produção e de mercado. Daí a necessidade de minuciosa avaliação do produtor rural previamente à implantação desse modelo produtivo.

Os entraves observados “depois da porteira” estão relacionados ao processamento, à distribuição e ao consumo, sendo que os principais são:

- a) ausência de cooperativas ou associações que forneçam apoio à comercialização da soja orgânica;
- b) indisponibilidade de empresas armazenadoras com silos exclusivos para estocagem da produção;
- c) desconhecimento ou desinteresse pelo consumo de soja pela maioria da população brasileira;

- d) tendência da sociedade em consumir alimentos industrializados e/ou mais baratos, dada a renda da maioria da população brasileira;
- e) falta de educação ambiental e despreocupação com a saúde alimentar da maior parte da população;
- f) ausência de ações de *marketing* que estimulem a demanda pela soja orgânica.

Os desafios apresentados “depois da porteira” exercem forte influência no movimento e estruturação da cadeia produtiva, onde o consumidor assume papel de destaque ao demandar determinado produto. No caso da soja orgânica, a situação tende a melhorar à medida que a população se desenvolva em termos de conscientização ambiental e renda.

Nesse mesmo contexto, Campanhola e Valarini (2001), destacam que é impossível não enfrentar alguns desafios característicos da agricultura orgânica, como os altos custos, durante o processo de conversão e certificação, falta de assistência técnica especializada, falta de capacitação técnica do produtor, menor volume de produção, escassez de pesquisa científica em agricultura orgânica, dificuldade de processamento da produção, dificuldade de acesso a crédito bancário e investimentos tecnológicos na área.

Em contrapartida, benefícios de ordem econômica, ambiental e social podem ser identificados na sojicultura orgânica que se apresenta como um caminho inverso das práticas da agricultura moderna que, firmada somente sobre bases econômicas, acaba por desconsiderar os demais pilares da sustentabilidade.

Dentre os benefícios de ordem econômica atestados na produção da soja orgânica, destacam-se:

- a) diminuição da dependência de insumos externos;
- b) estímulo à diversidade produtiva;
- c) nicho de mercado com maior poder aquisitivo;
- d) produto valorizado no mercado internacional;
- e) preço diferenciado na comercialização;
- f) agregação de valor ao produto;
- g) certificação de origem.

Deste modo, o produtor rural poderia se afastar da pressão exercida pelos fornecedores de insumos e atender a um nicho de mercado que valoriza produtos orgânicos. Essa situação possibilitaria o aumento da renda e a diminuição dos riscos inerentes à produção agrícola.

Considerando o aspecto ambiental, os pontos favoráveis à agricultura livre de agrotóxicos são os seguintes:

- a) manejo da lavoura menos agressivo ao meio ambiente;
- b) estímulo à manutenção da biodiversidade;
- c) reaproveitamento de resíduos orgânicos da própria propriedade;
- d) obtenção de um melhor equilíbrio natural da propriedade;
- e) aumento da fertilidade natural do solo.

No aspecto ambiental, a preservação da biodiversidade se dá ao mesmo tempo em que ocorre a utilização dos recursos que a natureza dispõe, construindo assim um ciclo de renovação constante, fortalecendo a relação homem e natureza.

Sob o ponto de vista social, evidenciam-se os seguintes benefícios decorrentes da sojicultura orgânica:

- a) melhoria da saúde e qualidade de vida através de uma alimentação livre de resíduos químicos;
- b) melhoria das condições de trabalho do agricultor, que diminui o risco de intoxicação acidental por não ter que manipular insumos tóxicos;
- c) eliminação dos transtornos decorrentes da aplicação de agrotóxicos próxima às comunidades;
- d) estímulo ao espírito de empreendedorismo rural;
- e) geração de mais empregos no campo;
- f) possibilidade de melhoria da renda dos pequenos agricultores.

No âmbito social o consumidor, ao adotar uma alimentação mais natural, obtém ganhos de saúde e qualidade de vida. O produtor rural, por sua vez, teria maior segurança no trabalho por não manipular produtos químicos, além de gerar mais postos de trabalho no campo e aumentar sua renda e, conseqüentemente, sua qualidade de vida.

No sentido sustentável, segundo Campanhola e Valarini (2001), a agricultura orgânica poder apresentar uma série de vantagens à pequena propriedade rural

familiar, pois fortalece a produção em pequena escala, permite a diversificação produtiva, gera engajamento dos membros da família, tem menor dependência de insumos externos, elimina o uso de agrotóxicos, reduz os custos de produção, conserva o solo e a produção têm maior valor comercial e durabilidade.

Diante dos resultados obtidos nesta pesquisa, atesta-se a inviabilidade de implantação da sojicultura orgânica em uma pequena propriedade rural. Isso se dá porque os benefícios identificados no manejo orgânico, apesar de reais e relevantes, são mais de ordem teórica e ideológica do que de ordem prática, não superando assim os desafios de implantação do negócio. Desta forma, a atividade não se apresenta com uma alternativa na melhoria da renda do pequeno produtor rural.

Além disso, o crescimento da população mundial faz com que a demanda por alimentos seja crescente. Nesse sentido, a agricultura de manejo orgânico não teria condições de suprir a demanda do mercado, dada sua produtividade ser menor do que a agricultura convencional. Apesar de todos os benefícios a ela associados, a produção orgânica ainda é uma atividade destinada a atender um nicho específico do mercado que cresce modestamente no Brasil.

No atual cenário, a produção da soja transgênica apresenta-se mais viável do que a orgânica uma vez que sua cadeia de produção está estabilizada e consolidada; sua produtividade é alta e crescente; existem pesquisas e desenvolvimento de sementes, fertilizantes e defensivos, juntamente com tecnologias na modernização de máquinas e implementos. Além disso, o mercado demanda pelo grão, a monocultura permite especialização do produtor na cultura e há apoio de associações e cooperativas que compartilham informações, armazenam e comercializam a produção.

O cenário só se tornará favorável à soja orgânica à medida que a população privilegie valores ambientais e de melhoria da saúde, e que os órgãos públicos apoiem a pesquisa e o desenvolvimento de tecnologias que viabilizem a produção, além da estruturação adequada dos canais de armazenagem, distribuição e comercialização.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A agricultura orgânica surge em um momento onde a preocupação com a degradação ambiental, a busca por saúde e qualidade de vida e a melhoria da renda dos pequenos produtores rurais passam a ser discutidas pela sociedade.

Diante disso, o gestor rural, ao adotar uma atitude empreendedora, passa a assumir um papel decisivo na busca de estratégias que possibilitem elaborar projetos economicamente viáveis, ambientalmente equilibrados e socialmente responsáveis. Nesse sentido, o produtor ao repensar o modo como a agropecuária vem sendo conduzida, percebe a possibilidade de adotar um novo modelo de produção em alternativa ao modelo atual, caracterizado pela utilização crescente de agroquímicos.

Nesse cenário a agricultura orgânica passa a ser vista como uma oportunidade de negócio, pois é baseada em técnicas menos agressivas ao meio ambiente e que atendem a um nicho de mercado demandante por produtos mais saudáveis. Essa técnica de cultivo tem como maior força de trabalho a agricultura familiar e a produção em menor escala.

Buscou-se nesse trabalho estudar, por meio do conhecimento, experiências e opiniões de técnicos agropecuários, produtores rurais e comerciantes, se os desafios da produção de soja orgânica poderiam se tornar obstáculos à implantação dessa cultura nas pequenas propriedades rurais, para servir como ferramenta de auxílio no processo de tomada de decisão na mudança do sistema de produção.

Os resultados obtidos pela pesquisa levaram em consideração que os benefícios da produção de soja orgânica na região, apesar de reais e relevantes, não superam as dificuldades apresentadas. Esses desafios acabam afetando diretamente a renda do produtor, acabando por desestimular as iniciativas no setor.

Desta forma, a sojicultura orgânica, ao contrário do que se presumia logo na intenção de desenvolvimento desta pesquisa, não se apresenta como uma alternativa na melhoria da renda do pequeno produtor rural, exposto os obstáculos ao longo da cadeia produtiva que impossibilitam seu cultivo para fins comerciais.

Conclui-se, portanto, que na região Oeste do Paraná a produção de soja orgânica tende a ser adiada. Essa constatação se torna clara diante das dificuldades relatadas pelos técnicos agropecuários, produtores e comerciantes entrevistados na pesquisa.

O aprofundamento a respeito do tema permitiu perceber a lacuna que existe entre a teoria e a prática no que envolve a agricultura orgânica, pois quando se observa a situação sob a ótica do produtor, os desafios relacionados ao tema tornam-se evidentes.

Contudo, os resultados obtidos não devem desanimar, mas sim estimular o desenvolvimento de pesquisas que visem diminuir o risco e a incerteza desse tipo de manejo na região, já que algumas iniciativas de produção orgânica por parte de pequenos produtores rurais têm dado certo, principalmente na produção de arroz, feijão, mandioca, amendoim, frutas e hortaliças.

CHALLENGES OF SOYBEAN PRODUCTION ORGANIZATION AS OF DETERMINING THE IMPLEMENTATION YOUR FARMING FOR COMMERCIAL PURPOSES IN WEST REGION OF PARANÁ

ABSTRACT

Brazilian agriculture by adopting modern production technologies in pursuit of increased productivity, has brought negative impacts on the environment, society and to their own farmers. In this context, the aim of this study was to gather information about the organic soybean production in western Paraná, identifying the challenges to be overcome by the industry and these can become barriers that impede mainly to small soy producers, the investment in this crop as a way to add value to production and thus ensure better financial, environmental and social results in their rural property. On the classification of this study, it was practical, covered in a qualitative way, with exploratory objective and through the case study technical procedure. The data collection instrument used was the interview. The results indicate the organic soybean production unviable in western Paraná, mainly determined by three factors: the lack of research for activity, difficulties in the management of production and low demand of the population for organic products.

Keywords: Organic soy. Western Parana. Rural property.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Massilon J. **Fundamentos de agronegócios**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

BARROS, Israel de Oliveira. Auditoria na empresa rural. In: CALLADO, Antônio André Cunha (org.). **Agronegócio**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

BRASIL, **Lei nº 10.831, de 23 de dezembro de 2003**. Dispõe sobre a agricultura orgânica e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.831.htm>. Acesso em: 20 abr. 2015.

CAMPANHOLA; Clayton; VALARINI; Pedro José. A agricultura orgânica e seu potencial para o pequeno agricultor. **Caderno de ciência & tecnologia**. Brasília, v.18, n.º 3, p. 69-101, set./dez. 2001. Disponível em: <http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/recursos/Agricultura_Org%E2nica_Pequeno_AgricultorID-y8lsgU6TkG.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2015.

DAROLT, Moacir Roberto; SKORA NETO, Francisco. Sistema de plantio direto em agricultura orgânica. **Revista plantio direto**. N. 70, jul. /ago. 2002. Passo Fundo: Aldeia Norte Editora: p. 28-30. Disponível em: <http://www.iapar.br/arquivos/File/zip_pdf/agroecologia/publicacoes/plantorganico2002.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2015.

DESER, Departamento de Estudos Socio-econômicos Rurais. **A cadeia produtiva da soja orgânica**. 2008. Disponível em: <http://www.deser.org.br/publicacoes/15_Estudo%20Explorat%F3rio%20da%20Soja%20Org%E2nica.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2015.

EMBRAPA, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Soja orgânica**. 2015. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/soja/cultivos/soja1/soja-organica>>. Acesso em: 06 jun. 2015.

MISSÃO, Mauricio Roberto. Soja: origem, classificação, utilização e uma visão abrangente do mercado. **Maringá management**: revista de ciências empresariais. v.3, n.1, p. 07-15, jan.-jun.2006. Disponível em: <<http://www.maringamanagement.com.br/include/getdoc.php?id=190>>. Acesso em: 19 mar. 2015.

ORMOND, José Geraldo Pacheco, et al. **Agricultura orgânica**: quando o passado é futuro. 2002. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/bnset/set1501.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2015.

PAIVA, Bolivar Morroni de; ALVES, Rosineila Maria; HELENA, Nísia Margareth. Aspecto socioeconômico da soja. **Informe agropecuário**. Soja na alimentação

R. gest. sust. ambient., Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 682-699, jan./mar. 2018.

humana e animal. Belo Horizonte. v.27, n.º 230, p.07-14, jan./fev. 2006. Disponível em: <http://www.epamig.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=2837>. Acesso em: 03 abr. 2015.

PAIVA JR, Fernando Gomes de. Empreendedorismo e competência do gestor do agronegócio. In: CALLADO, Antônio André Cunha (org.). **Agronegócio**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

PAULA, Sergio Roberto; FAVERET FILHO, Paulo. Panorama do complexo da soja. **BNDES**, 1998. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/bnset/set804.pdf>. Acesso em: 29 Mar. 2015.

SCHMITT, Deodete Maria Das Neves. **A percepção ambiental dos sojicultores no Município de Palmeirante - TO**. 2009. 88 p. Dissertação. Universidade Federal do Amazonas, UFAM. Manaus. Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia. 2009. Disponível em: <<http://www.ppgcasa.ufam.edu.br/pdf/dissertacoes/2009/Deodete%20Maria.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2015